

“NÃO FAZEMOS PARTE DA HISTÓRIA?” LIVROS DIDÁTICOS E O APAGAMENTO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Monique Jenifer Oliveira Cruz¹

Luana da Costa Alves²

Julliana Viana de Oliveira³

Erinaldo Vicente Cavalcanti⁴

INTRODUÇÃO

O livro didático desempenha um papel central no processo de ensino e aprendizagem, servindo como um dos principais instrumentos pedagógicos utilizados por professores e alunos ao longo da educação formal. Seu conteúdo, construído a partir de diferentes abordagens metodológicas e historiográficas, reflete não apenas escolhas pedagógicas, mas também influências políticas e culturais que direcionam a seleção de informações e a forma como são apresentadas. No entanto, apesar de sua relevância, os livros didáticos frequentemente são alvo de críticas e discussões acadêmicas, principalmente no que diz respeito à abordagem de conteúdos históricos. A seleção dos tópicos e personagens apresentados pode resultar em distorções ou lacunas, reforçando determinadas narrativas enquanto invisibiliza outras. O principal ponto de discussão refere-se ao apagamento feminino na história, especialmente no contexto de eventos marcantes como a Independência do Brasil.

Neste trabalho, buscamos problematizar as dinâmicas de produção dos livros didáticos, analisando suas potencialidades e limitações, com ênfase na ausência de mulheres nas narrativas históricas. Além disso, propomos uma reflexão sobre a necessidade de uma abordagem mais inclusiva, que valorize o protagonismo feminino na história, promovendo um ensino mais crítico e representativo. A partir da análise de um material didático utilizado por estudantes do 8º ano em uma escola pública de Belém do

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pará - UFPA.

² Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pará - UFPA.

³ Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará - UEPA, Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pará - UFPA.

⁴ Professor orientador: Licenciado em História pela Universidade de Pernambuco - UPE, Mestre e Doutor pela Linha de Pesquisa Cultura e Memória do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, com Estágio Doutoral - PDSE/Capes - pela Universidad General San Martin em Buenos Aires, Argentina, atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará - UFPA/Belém - atuando na graduação e na Pós-graduação.



Pará, evidenciamos a importância de reavaliar os critérios de seleção dos conteúdos para garantir uma representação histórica mais equitativa e abrangente.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, buscando compreender de forma crítica e sensível como as mulheres são representadas ou apagadas nas narrativas dos livros didáticos de História. O estudo se deu de uma experiência vivida durante o Estágio Curricular Supervisionado, realizado em uma escola pública de Belém do Pará, com uma turma de 8º ano do ensino fundamental. Foi nesse contexto que surgiu um questionamento: por que as mulheres aparecem tão pouco quando se fala da Independência do Brasil?

Para responder a essa pergunta principal, o trabalho se desenvolveu em três etapas principais. A primeira consistiu em uma revisão bibliográfica, com base em autores como Bittencourt (2008), Choppin (2009) e Cavalcanti (2016, 2019), que discutem o papel político e formativo do livro didático no ensino de História. Essa leitura ajudou a compreender que o livro escolar não é apenas um material de apoio, mas também um instrumento que transmite valores, ideologias e escolhas sobre o que deve ou não ser lembrado.

Na segunda etapa, foi feita a análise do livro didático utilizado pela turma, observando como as personagens femininas como Maria Leopoldina, Maria Quitéria e Maria Felipa de Oliveira, são apresentadas. A análise revelou que, embora suas presenças sejam citadas, elas aparecem de forma breve, quase invisível, o que reforça o apagamento feminino dentro da narrativa histórica.

Por fim, com o andamento da pesquisa, foi elaborada uma proposta de material didático complementar, com o objetivo de valorizar essas figuras femininas e ampliar a compreensão dos alunos sobre o protagonismo das mulheres na Independência. Essa produção buscou dialogar com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente com a habilidade EF08HI11, que propõe o reconhecimento da atuação de diferentes grupos sociais nas lutas pela independência.

REFERENCIAL TEÓRICO

Há algum tempo, o recurso do livro didático tem sido colocado em discussão, refletindo sua importância, tanto para o discente, quanto para o docente e também



problematizando seus conteúdos ou a falta dele. Segundo Alain Choppin (2009) os historiadores foram os primeiros a mostrar interesse pelos livros didáticos, em 1960, mas foi necessário quase duas décadas para que as pesquisas tivessem maior aprofundamento e uma busca para pensar criticamente as metodologias de pesquisa histórica utilizadas. Para Circe Bittencourt (2008), os livros didáticos são os instrumentos escolares mais utilizados por professores e alunos, estando no cotidiano da escola em torno de dois séculos. Muitas vezes são apontados como culpados na disseminação de um ensino tradicional e, mesmo assim, ainda são utilizados no dia a dia escolar. “As críticas em relação aos livros didáticos apontam para muitas de suas deficiências de conteúdo, suas lacunas e erros conceituais ou informativos” (Bittencourt, 2008. p. 300).

De acordo com Erinaldo Cavalcanti (2019), o livro didático ainda é uma importante ferramenta que exerce grande influência nas regências dos docentes brasileiros, que atuam no ciclo da educação básica, o que torna o livro didático um dos principais instrumentos no ensino de História. “Não seria inverossímil acrescentar que, por extensão, a história ensinada em sala de aula guarda uma íntima relação com os livros didáticos no exercício da docência de professores e professoras” (Cavalcanti, 2019. p. 56).

O apagamento feminino na história é um fenômeno recorrente que se manifesta na falta de reconhecimento e na invisibilização das contribuições das mulheres em diversos campos do conhecimento e da sociedade. Esse silenciamento ocorre por meio da omissão de nomes femininos nos registros históricos, da desvalorização de suas realizações e da atribuição de seus feitos a figuras masculinas. O apagamento feminino nos livros didáticos é uma questão de grande relevância no contexto educacional, pois esses materiais exercem uma influência significativa na formação da identidade dos alunos e na compreensão da história. Historicamente, as mulheres têm sido sub-representadas em textos acadêmicos e literários, refletindo uma sociedade que frequentemente marginaliza suas vozes e experiências. Como observado, "tentar diferenciar essas publicações com uma rigorosa definição é se aventurar sobre um terreno escorregadio" (Choppin, 2008. p. 41), indicando a complexidade de reconhecer o papel das mulheres nas narrativas educativas.

As mulheres foram mais do que meras coadjuvantes nos processos de independência, elas se envolveram ativamente como soldadas, mensageiras, enfermeiras



e até financiadoras dos movimentos revolucionários. Maria Ligia Coelho Prado (1992) enfatiza que “suas biografias escritas por homens durante o século XIX apresentaram-nas como mães e viúvas, católicas devotas” (Prado, 1992. p. 90), uma representação que visa distorcer suas ações heroicas em um molde que respeita os padrões de gênero da época, criando um ideal de mulher que se limita ao espaço doméstico e à devoção familiar.

O apagamento feminino na história é um fenômeno que se manifesta de diversas maneiras, resultando na marginalização das contribuições das mulheres em eventos históricos significativos. Felipe Augusto Queiroz Silva (2022) menciona, "o ocultamento feminino é uma questão de gênero, nas bibliografias somente homens são mencionados" (Silva, 2022. p. 09). Essa omissão sistemática tem raízes profundas, subestimando o papel ativo que as mulheres desempenharam na luta pela liberdade e direitos sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cavalcante (2016), traz a discussão de aspectos essenciais da construção de material didático incluindo seus desafios, ele faz uma abordagem na qual diz que o livro didático deve ir além de alguns critérios. Ele deve ser problematizado ainda na formação dos professores, para que além de eles utilizarem como um auxílio ele possa ser uma peça importante para o desenvolvimento crítico em sala de aula. Assim permitiria que os alunos tivessem maior facilidade para fazer comparações e análise histórica e das diversas abordagens feitas nos livros. A preparação do livro envolve não apenas o autor, mas uma equipe multidisciplinar responsável por diversos aspectos do material, o Plano Nacional Do Livro Didático (PNLD) faz a regulamentação que define que padrões o livro deve seguir e influencia a seleção de conteúdos que são abordados.

Conforme o que foi dito anteriormente no texto, a ideia surgiu a partir de uma experiência de estágio com uma turma de 8º ano do ensino fundamental, em uma escola pública em Belém do Pará, no qual foi analisado o livro didático entregue pela escola. Nele percebemos a necessidade de abordar alguns assuntos, a partir da temática de apagamentos femininos o livro traz o seguinte ponto: A proclamação da independência, no livro é citada algumas figuras femininas que foram de extrema importância, porém são abordadas de maneiras superficiais como: Maria Felipa de Oliveira, uma heroína negra, Maria Quitéria que lutou nas tropas brasileiras em diversas batalhas e Maria Leopoldina que enviou uma carta a D. Pedro, mas ainda sim são citadas em poucas linhas, sem desenvolvimento da história delas, o que acaba apagando a figura dessas mulheres.



Dito isso, sentimos a necessidade da criação de material didático para que pudessem auxiliar os professores na construção da história dessas figuras femininas que foram tão importantes, visto que na BNCC referente ao 8º ano (**EF08HI11**) diz que “Identificar e explicar o protagonismo e a atuação de diferentes grupos sociais e étnicos nas lutas de independência no Brasil, na América espanhola e no Haiti”. Elaboramos um material didático pensando em contar a história de algumas das principais figuras femininas que são importantes para a independência, mas que só aparecem em uma ou duas linhas no livro didático. A Independência do Brasil teve participações importantes, não foi construída apenas por figuras masculinas como Dom Pedro I e José Bonifácio que são citados na maioria dos livros. Muitas mulheres tiveram papéis fundamentais nesse processo, lutando, organizando estratégias e influenciando decisões políticas, como: Maria Leopoldina, Maria Quitéria, Maria Felipa e Ana Romana. Por muito tempo, e até nos dias atuais, seus nomes são esquecidos nos livros didáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada deixa claro a importância da construção de materiais didáticos que sejam menos tradicionais e mais críticos, principalmente em abordagens históricas. Ao longo do texto notamos que mesmo sendo um material de ensino importante, ainda sim é alvo de muitas críticas e discussões acadêmicas, justamente por conta da forma que aborda os conteúdos históricos. A análise feita a partir de uma experiência de estágio no livro usado pelo 8º ano em uma escola pública no Pará, mostra que, por mais que algumas figuras femininas sejam citadas ao decorrer do assunto, ainda sim é algo superficial, o que traz a ideia já mencionada anteriormente sobre o apagamento feminino, logo a criação de materiais complementares, como textos didáticos, auxiliam os professores a preencher essas lacunas que são deixadas nos livros, possibilitando um ensino alinhado com as diretrizes de Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A produção do material didático deve ser elaborada de uma forma que não seja apenas um instrumento de ensino, mas sim de algo que faça parte da construção do pensamento crítico e reforce a autonomia dos alunos.

Dessa maneira conclui-se que a revisão e a ampliação dos conteúdos nos livros didáticos, são indispensáveis para a formação de cidadãos com opiniões e que cumpram seu dever como cidadãos conscientes. O resgate de narrativas que vêm sendo apagadas ao decorrer do tempo, como a valorização da figura feminina em momentos históricos,



contribui para um sistema educacional mais equitativo e abrangente, visando um conhecimento histórico mais plural, valorizando acontecimento antes marginalizados, como a participação de figuras femininas, e a construção de um ensino de história que incentive a criticidade para a compreensão da sociedade, assim os alunos conseguem fazer a análise e ter uma visão sobre passado e presente e se questionem sobre tais acontecimentos e assim estarão alinhados com as diretrizes de base.

Palavras-chave: Livro didático; Apagamento Feminino; Independência; Ensino de História.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros e Materiais de História. *In*: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 295-324.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. (Brasil, 2018, p.425)

CAVALCANTI, Erinaldo. Ensino de História, livro didático e formação docente de professores de História no Brasil. **Enseñanza de las Ciencias Sociales**, nº18, p. 49-61, 2019.

CAVALCANTI, Erinaldo. Livro didático: produção, possibilidades e desafios para o ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 5, n. 9, p. 262-284, 2016.

CHOPPIN, Alain. O Manual Escolar: uma falsa evidência histórica. Traduzido por Maria Helena C. Bastos. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 9-75, Jan/Abr, 2009.

PRADO. Maria Ligia Coelho. Em busca da participação das mulheres nas lutas pela independência política na América Latina. **Revista Brasileira de História**, vol. 12, nº 23-24, 1991/1992, pp. 77-90.

SILVA, Felipe Augusto Queiroz. **De uma revolta de escravos, a uma revolução: O ocultamento e apagamento da participação Feminina na Revolução do Haiti**. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

